

DIRETORIA DE HIDROGRAFIA E NAVEGAÇÃO EM SEU SESQUICENTENÁRIO

Ciência, tradição e soberania a serviço do Brasil

Ricardo Jaques Ferreira *

Conhecida ao longo do tempo por seus icônicos navios brancos, pelo uso histórico do “Bode Verde” ou, ainda, pelo lema que expressa sua vocação permanente — “Restará sempre muito o que fazer...” — a Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN) construiu, ao longo de 150 anos, uma trajetória intimamente ligada à afirmação do Brasil como nação marítima e ao fortalecimento de sua soberania sobre as águas, transformando mares e rios antes desconhecidos em rotas seguras para o desenvolvimento sustentável de nosso Poder Marítimo e de nossa economia; conectando destinos, pessoas e oportunidades; e consolidando o conceito estratégico da Amazônia Azul.

Instituída pelo Decreto Imperial nº 6.113, de 1876, sob a denominação de Repartição Hydrographica, a DHN foi criada anos após a atuação precursora do Capitão de Fragata Manoel Antônio Vital de Oliveira, que, imbuído de espírito visionário e desbravador, realizou pioneiros levantamentos hidrográficos no Atol das Rocas e na foz dos Rios Mossoró e São Francisco, elaborando, em 1858, a CARTA REDUZIDA DAS ROCAS – *Atol das Rocas e Proximidades*. Tratava-se de avanço notável para uma época em que o Brasil ainda dependia fortemente de levantamentos estrangeiros para conhecer suas próprias águas. Não por acaso, Vital de Oliveira tornou-se o Patrono da Hidrografia, deixando legado decisivo para o



desenvolvimento da ainda incipiente cartografia náutica nacional.

Com a criação da Repartição Hydrographica, o Brasil deu um passo decisivo para organizar o conhecimento de suas águas, estabelecer padrões científicos e garantir maior segurança à navegação. Alguns anos depois, em 1890, a Repartição de Faróis, também criada em 1876, foi integrada à Repartição Hydrographica, consolidando outro pilar essencial à Segurança da Navegação: os auxílios à navegação, silenciosos e permanentes sentinelas da vida humana no mar. A essas duas,

somou-se a Repartição Central Meteorológica, criada em 1888, imprescindível aos navegantes. A progressiva articulação entre as três instituições refletiu a compreensão de que o conhecimento preciso do mar e adequados auxílios à navegação eram ferramentas indissociáveis da afirmação da soberania brasileira, culminando na consolidação institucional que originou a Diretoria de Hidrografia e Navegação.

Assim, a DHN surgia com a missão de ampliar e aprimorar o conhecimento brasileiro sobre sua costa, seus estuários e seus rios — condições essenciais para a expansão da navegação, o fortalecimento do comércio e da presença nacional em suas fronteiras naturais. Coube ao Capitão de Mar e Guerra Antônio Luiz von Hoonholtz, o Barão de Teffé, primeiro Diretor da instituição, idealizar, implementar e conduzir os passos iniciais do Serviço Hidrográfico Brasileiro, imprimindo-lhe visão



Recorte da Carta Reduzida das Rocas (1858)

estratégica, rigor científico e sentido de autonomia nacional. Entre seus primeiros trabalhos técnicos destaca-se a Planta Hydrographica DA BARRA E PORTO DE SANTOS, de 1876 – um dos marcos para a cartografia náutica brasileira no século 19.

Além de rememorar grandes feitos e personalidades que marcaram a história da Hidrografia no País, celebrar os 150 anos da DHN enseja o resgate de espaços emblemáticos da memória naval. Inicialmente instalada no casarão nº 5 da Rua Dom Manuel, no centro do Rio de Janeiro, a então Repartição Hydrographica foi transferida, em 1914, para a Ilha Fiscal, onde permaneceu até 1983. Cenário do célebre “Último Baile do Império”, realizado poucos dias antes da Proclamação da República, e tendo sido Sede da DHN por longas décadas, por essa razão, o local foi escolhido para sediar as comemorações do Sesquicentenário, resgatando tradições e preservando a História Naval Brasileira.

Concomitantemente às mudanças de Sede, ocorreram também diversas transformações institucionais, com alterações de denominação e inclusões de símbolos que passaram a marcar a DHN, bem como cria-

ram um espírito de corpo próprio daqueles que labutavam nas lides hidrográficas. Nesse processo, o sinete da Constelação do Cruzeiro do Sul tornou-se símbolo obrigatório de autenticidade em cartas, publicações e instrumentos oficiais, enquanto o “Bode Verde”, mascote registrado como marca figurativa, voltado simbolicamente para o Leste, em direção ao mar, passou a representar o espírito destemido, perseverante e dedicado daqueles que fazem da hidrografia uma missão de vida.

Ainda debruçado sobre o passado, mas com resultados no presente, destaca-se a valiosa contribuição dos hidrógrafos e especialistas brasilei-

ros que dedicam e dedicaram suas vidas a estudar o mar. Em especial, digna de menção, tem sido a atuação, sob a coordenação técnica da DHN, no Plano de Levantamento da Plataforma Continental Brasileira (LEPLAC), iniciado em 1989. Após 36 anos de extensas pesquisas hidrográficas, geofísicas e oceanográficas, realizadas com elevado rigor científico, as evidências técnicas reunidas culminaram no reconhecimento, pela Comissão de Limites



Recorte da Planta Hidrográfica da Barra e Porto dos Santos (1876)

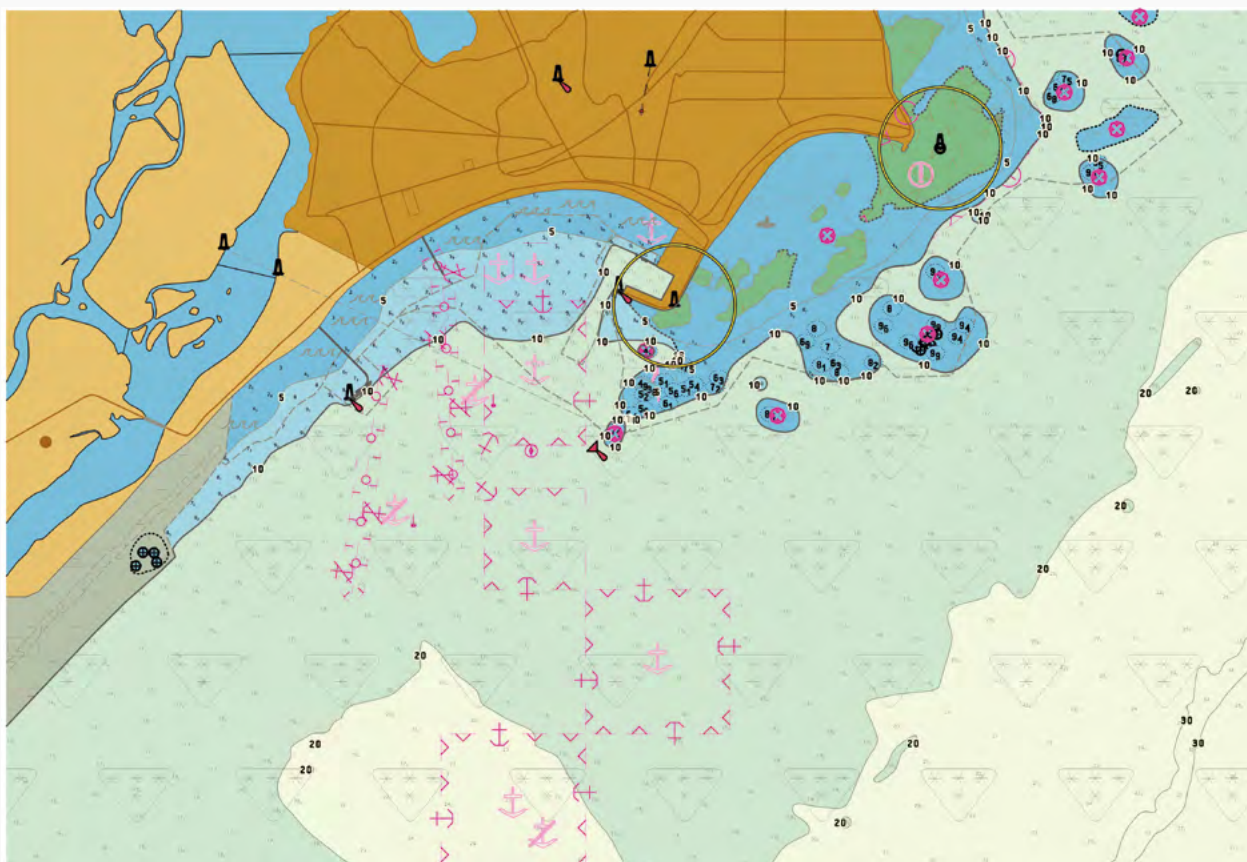
da Plataforma Continental da Organização das Nações Unidas, da ampliação da área marítima para além das 200 milhas náuticas de domínio nacional. A partir de 2025, portanto, com essa conquista, o País passou a exercer direito de soberania sobre área marítima de aproximadamente 360 mil km², expandindo oficialmente os limites da Amazônia Azul e assegurando acesso exclusivo a recursos minerais e energéticos de elevado valor estratégico.

Outro avanço recentemente registrado na história da DHN foi o lançamento da segunda carta náutica brasileira produzida no padrão S-100, a do Porto de Maceió, um marco tecnológico e operacional inserido no processo de modernização contínua da cartografia náutica, alinhado às normas estabelecidas pela Organização Hidrográfica Internacional (OHI).

Com os olhos voltados para o futuro, e considerando a premente necessidade de compreensão aprofundada do nosso espaço marítimo, destaca-se o lançamento operacional dos veículos autônomos *Glider* e *SailBuoy*, empregados para a coleta remota de dados meteoceanográficos, capazes de assegurar,

a um custo reduzido, revisões mais assertivas em prol do Serviço Meteorológico Marinho (SMM), alimentando os modelos de previsão meteorológica no mar e constituindo eficiente base de dados para a geração de produtos em apoio à segurança da navegação e ao pronto emprego do Poder Naval.

No aspecto geopolítico, a DHN exerce, por delegação do Estado, a função de Serviço Hidrográfico Brasileiro, representando o País junto à Organização Hidrográfica Internacional, à Organização Internacional para os Auxílios à Navegação, e à Organização Meteorológica Internacional, com o apoio de suas organizações subordinadas, as atividades de hidrografia, cartografia náutica, oceanografia operacional, auxílios à navegação e meteorologia marítima. Por meio do Centro de Hidrografia da Marinha (CHM), a DHN conduz os serviços meteorológicos na METAREA V, vasta região do Atlântico Sul sob coordenação brasileira, emitindo previsões e alertas indispensáveis à segurança da navegação, às operações portuárias, à pesca, ao turismo e às atividades *offshore*. Paralelamente, realiza extensas campanhas de coleta de



Carta Náutica Eletrônica (ENC) no Padrão S-100 da OHI 101BR00500921: Porto de Maceió

dados oceanográficos e geoespaciais, apoiando a pesquisa científica, o monitoramento ambiental e programas estratégicos como o Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR), além de coordenar a infraestrutura de dados espaciais marinhos. Dessa forma, consolida-se como referência nacional e internacional na governança do espaço marítimo.

No âmbito do apoio técnico e industrial indispensável à implantação e manutenção dos auxílios à navegação, o Centro de Auxílios à Navegação Almirante Moraes Rego (CAMR) responde pela fabricação, manutenção e recuperação de faróis, balizas, boias e demais dispositivos de auxílios à navegação, assegurando a confiabilidade do balizamento marítimo e fluvial e contribuindo diretamente para a salvaguarda da vida humana no mar, a fluidez do tráfego aquaviário e a proteção ambiental.

Principal vetor operacional da DHN, o Grupamento de Navios Hidroceanográficos (GNHo) é responsável pelo preparo e aprestamento dos navios subordinados, identificados pelos característicos cascos brancos e chaminés laranja. Atuando ao longo do litoral, das hidrovias interiores e em áreas remotas do Atlântico Sul e da Antártica, esses navios, verdadeiros laboratórios flutuantes, transformam ciência em conhecimento estratégico por meio de levantamentos hidrográficos e oceanográficos, da coleta sistemática de dados ambientais e do apoio à pesquisa científica.

Atenta à crescente complexidade do ambiente marítimo e às transformações em curso — como as mudanças climáticas, a intensificação dos eventos meteorológicos extremos e a ampliação da relevância econômica dos oceanos —, a DHN, por intermédio do Centro de Instrução e Adestramento Almirante Radler de Aquino (CIAARA), dedica-se à formação dos profissionais que sustentarão suas atividades no presente e no futuro. Ao ministrar cursos, estágios e programas de adestramento nas áreas de hidrografia, oceanografia, meteorologia, navegação e auxílios à navegação, o Centro capacita recursos humanos altamente especializados,

aptos a atuar com rigor científico, domínio tecnológico e visão estratégica.

Soma-se a esse esforço integrado a atuação da Base de Hidrografia da Marinha em Niterói (BHMN), cuja excelência no apoio logístico, administrativo e técnico constitui pilar essencial para o pleno cumprimento da missão institucional. Com elevado padrão de eficiência e precisão, a BHMN responde pelo controle, execução e supervisão dos serviços de impressão e distribuição de documentos cartográficos e publicações náuticas,

além de prestar suporte especializado na validação e certificação das cartas náuticas eletrônicas, em estrita conformidade com os padrões internacionais estabelecidos pela OHI.

Localizada no Complexo Naval da Ponta da Armação, em Niterói, desde 1983, a DHN, juntamente com suas Organizações Militares, forma um sistema técnico-operacional de excelência, dedicado à produção, integração e difusão do conhecimento hidrográfico, oceanográfico,

meteorológico e cartográfico, em benefício da segurança da navegação, da proteção da vida humana no mar, do desenvolvimento marítimo nacional e da afirmação da soberania brasileira sobre suas águas jurisdicionais.

Ao descrever o papel crucial de cada organização militar que compõe esse sistema coordenado de atribuições da DHN, faz-se oportuno e necessário reconhecer a inabalável dedicação dos marinheiros, hidrógrafos, pesquisadores e servidores civis que, a despeito das condições de mar e dos desafios impostos, guarneceram este fundamental setor ao longo desses 150 anos de história. Estejamos certos de que a melhor homenagem que lhes podemos prestar é enfrentar os desafios que estão por vir com a mesma competência, entusiasmo e crença nos destinos da Marinha e do Brasil. Afinal, como prega o lema que nos move: “restará sempre muito o que fazer...” ■



* Vice-Almirante
Diretor de Hidrografia e Navegação